



RISCOS

territorium 29 (II), 2022, 177-178

journal homepage: <https://territorium.riscos.pt/numeros-publicados/>

DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_29-2_17

Recensão / Review



CONTÁGIO: UMA HISTÓRIA DOS VÍRUS QUE ESTÃO A MUDAR O MUNDO

177

Paulo Nossa

Universidade de Coimbra, CEGOT e RISCOS
Faculdade de Letras, Departamento de Geografia e Turismo (Portugal)
ORCID 0000-0001-5000-8754 paulonossa@gmail.com

David Quammen é um experimentado divulgador de ciência, cujos méritos têm vindo a ser reconhecidos nas mais diversas instâncias, reunindo prémios como: *Wilson Literary Science Writing Award*, bem como *Academy Award in Literature da American Academy of Arts and Letters*, entre outros.

Quando Quammen nasceu, no ano de 1948, as patologias dominantes eram maioritariamente geradas por bactérias e vírus, com grande destaque para a prevalência da tuberculose, cenário que o desenvolvimento económico e os progressos biomédicos, coadjuvados por vacinas e antibióticos quase resolveram, deixando aos vírus um papel de ameaça não muito bem compreendido no contexto da saúde humana e animal.

Hoje sabemos que os vírus não são sistemas biológicos primitivos e não estiveram na origem de outros seres vivos. De acordo com Grmek (1994:166) “[...] são o produto duma evolução degenerativa dos genes celulares. Não podem propagar-se no estado livre, ou seja, sem parasitarem seres vivos que possuam aparelhos celulares de síntese proteica”. Assim, a continuidade e propagação vírica exige condições capazes de potenciarem a transmissão intraespecífica (dentro da mesma espécie), bem como a possibilidade de passarem a barreira de espécie, infetando outras populações, incluindo as populações humanas. Para que ocorra a manutenção destes vírus nos seres humanos é necessário que estas atinjam determinadas dimensões demográficas, tal como Hagget (2000) comprovou a propósito da difusão do sarampo.

Quammen estava bem ciente desta realidade quando, em 2012, publica o texto original - *Spillover: animal infections and the next human pandemic*; que a atualidade da pandemia gerada pelo SARS-Cov-2 impulsionou para sucessivas reedições (julho 2020; outubro 2020) com o título: *Contágio: uma história dos vírus que estão a mudar o mundo* (fig.1).

A ameaça emergente de vírus zoonóticos poderem atingir populações humanas sempre esteve presente na literatura, e de um modo sistemático pelo menos desde 1994, quando

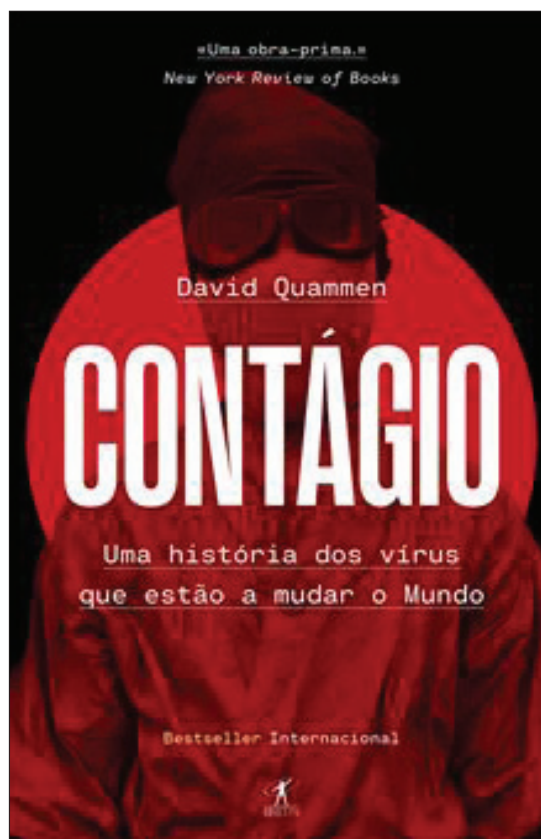


Fig. 1 - Frontispício da obra “Contágio: uma história dos vírus que estão a mudar o mundo”.

Fig. 1 - Frontispiece of the book “Contagion: a story of the viruses that are changing the world”.

da eclosão do vírus *Hendra* na Austrália (henipavirus equino). Ao longo de nove capítulos, o autor discute as condições biológicas, sociais, económicas e políticas que permitiram que “o tema da doença animal e o tema da doença humana, sejam fios da mesma meada” (p. 23).

No capítulo I, Quammen debate a histórica emergência de zoonoses (termo que designa as doenças e infeções transmitidas ao homem através dos animais) e como as mesmas tem proliferado, atingindo grupos humanos “à

boleia” do turismo, da criação intensiva de gado, do desmatamento, da crescente urbanização em cenários de insuficiência sanitária, onde a tradição e a pobreza continuam a impulsionar a ingestão de carne selvagem (*bush meat*), transportando vírus hemorrágicos, como o Ébola, cujos *spillovers* são detalhadamente discutidos no capítulo II.

Ao longo de todo o livro são frequentes os discursos na primeira pessoa, testemunho(s) de um investigador/repórter com longo e apaixonado trabalho de campo. Adicionalmente, o autor apresenta, de forma humilde, as suas dúvidas e a efemeridade das suas certezas, frequentes vezes abaladas pelas evidências com as quais se confronta. No capítulo IV somos cotejados com o percurso biológico e geográfico do vírus SARS (síndrome respiratória aguda grave), quando da sua primeira aparição em populações humanas, com epicentro na China, atingindo 27 outros países, com 8096 notificações geradas entre novembro de 2002 e maio de 2003. A história natural desta infeção respiratória, gerada por um coronavírus, bem como as lições daí provenientes, não foram suficientemente aprendidas, nem mesmo quando em 2012 David Quammen publicou a edição original deste livro, terminando o capítulo IV com a seguinte premonição:

"A história muito mais sombria ainda está por ser contada, provavelmente não sobre este vírus [SARS], mas sobre outro. Podemos adivinhar que, quando a próxima Grande Pandemia chegar, agirá provavelmente em conformidade com o mesmo padrão perverso, com uma alta infecciosidade a preceder sintomas perceptíveis. Isto vai ajudá-la a percorrer cidades e aeroportos como um anjo da morte" (p. 232).

A cronologia ensina-nos que as Cassandras nunca são ouvidas, apesar dos enormes danos que tal alheamento gera.

O capítulo V é dedicado a apresentar a história e a evolução de diversos agentes patogénicos, particularmente aqueles que se “transmitem pelo ar”, como é o caso da bactéria - *Coxiella burnetti*, responsável pela febre Q, cuja elevada incidência ocorre entre caprinos, atingindo potencialmente os seres humanos pela prática ancestral de fertilizar os campos com esterco dos estábulos, onde em determinadas condições de estado de tempo, baixa humidade e vento, pode infetar por inalação populações rurais de um modo quase silencioso.

Entre o V e o VIII capítulo, o autor apresenta e revisita um conjunto de factos que nos ajudam a observar como estes

“seres” invisíveis, «diabolicamente subtis», contribuíram para mudar a história recente da humanidade, apresentando a diversidade da sua estrutura e o modo com esta pode potenciar a sua transmissão, inicialmente zoonótica, até passar a barreira de espécie, potenciada por comportamentos sexuais (o caso do VIH), ou apenas pela prática da pecuária intensiva, permitindo que vírus ARN alcancem altas taxas de evolução em modernas explorações, exportando os seus reservatórios vivos para diversas partes do mundo em intervalos de tempo cada vez mais curtos.

O IX e último capítulo produz uma reflexão final acerca dos modos de vida que as populações humanas têm privilegiado, invadindo e ocupando sem cuidado nichos ecológicos sensíveis, penetrando nas grandes florestas e noutros ecossistemas selvagens, sem avaliarmos o risco mútuo que estamos a potenciar, quer para as populações humanas quer para as comunidades ecológicas originárias daqueles espaços:

"Abanamos as árvores, figurada e literalmente, e caem coisas delas. Matamos, esquarteramos e comemos a maior parte dos animais selvagens que encontramos nesses locais. Instalamo-nos nesses lugares, criamos aldeias, campos de trabalho, cidades, indústrias de extração, novas metrópoles. [...] Viajamos, movimentamo-nos entre cidades e continentes ainda mais depressa que os nossos animais de criação. [...] Comemos em restaurantes onde o cozinheiro talvez tenha sacrificado um porco-espinho antes de preparar as nossas vieiras" (p. 564-565).

No limite, o autor, de um modo cientificamente informado, questiona a viabilidade do contexto de interdependência gerado pelo aprofundar da *globalização* que “abraça e encolhe” o mundo, ao mesmo tempo que nos aproximamos perigosamente de reservatórios patogénicos, alguns dos quais ainda desconhecemos, descobrindo-os de forma perigosa e tardia quando somos alertados por sinais e sintomas anómalos, desconhecidos e, frequentes vezes, letais.

No limite, esta obra conta de um modo refletido e documentado o modo como a história dos vírus está a mudar o mundo e, consequentemente, a História Humana, onde surgimos como atores quase despreocupados. Como afirmou o bioquímico Jacques Monod, Prémio Nobel da Medicina, 1965: *"A novidade faz-se por arranjos inéditos de coisas antigas"*, a obra produzida por David Quammen parece dar-lhe razão.